

O Professor Eugênio Schneider e narrativas (auto)biográficas de um legado de ensino de música em Santa Maria- RS

Jade da Rosa Schneider

Congregação do Apostolado Católico Irmãs Palotinas
jadeschneider@hotmail.com

Ana Lúcia de Marques e Louro-Hettwer

Universidade Federal de Santa Maria
analooock@hotmail.com

Resumo: Este artigo relata um recorte de pesquisa de mestrado concluída, que teve por objetivo compreender como a metodologia de ensino do professor Eugênio Schneider corroborou para um legado na cidade de Santa Maria. De forma mais ampla, buscou-se conhecer os aspectos pedagógicos e de ideais acerca do ensino de música desse professor, registrando a história do ensino de música em Santa Maria, possibilitando, assim, a reflexão de práticas pedagógico-musicais de professores de música no contexto em que atuam. A partir dos dados produzidos e da reflexão sobre as práticas pedagógicas alicerçadas nas interfaces da adesão, ação e autoconsciência (NÓVOA, 1992, 1995), foi possível compreender como ocorreu a construção do legado de Eugênio Schneider, a partir da correlação da pessoa e o profissional, contribuindo para a construção da história e reflexões pedagógicas de ensino de música.

Palavras-chave: Ensino de música. Narrativas (auto)biográficas. História de vida de professores.

Introdução

Refletindo sobre a minha¹ construção docente durante a graduação, pude perceber como as minhas práticas como professora se aproximavam dos ideais e metodologias de

¹ Este artigo é escrito em primeira pessoa do singular. A pesquisa foi realizada pela primeira autora, tendo participação direta da segunda autora, não como protagonista-pesquisadora, mas como contraponto de leitura e discussão teórica, muitas vezes contribuindo com partes da escrita do texto, o que nos fez relevante incluí-la na autoria.

ensino do meu primeiro professor de música, Eugênio Schneider. Seus modos de ensinar estão refletidos em minha identidade pessoal e profissional. Considerando isso, surgiu o interesse em investigar a história de vida de Eugênio em minha graduação, o que foi ampliado e aprofundado no mestrado.

A partir do trabalho de graduação, alguns outros questionamentos surgiram para a construção da dissertação: Como e por que as pessoas buscavam estudar música com o professor Eugênio? Como o cenário pedagógico do ensino de música em Santa Maria era na época e de que modo foi se modificando? De que maneira o Professor Eugênio influenciou o ensino de música em Santa Maria? Qual o legado deixado por Schneider?

Para responder esses questionamentos, foi definido o objetivo da pesquisa do mestrado de compreender como a metodologia de ensino do professor Eugênio Schneider corroborou para um legado em Santa Maria, a partir de narrativas de seus ex-alunos.

Caminhos metodológicos

Este trabalho foi desenvolvido a partir de referenciais da pesquisa (auto)biográfica (NÓVOA; FINGER, 2014; ABRAHÃO, 2004; SOUZA, 2006) e narrativa (STAUFFER; BARRET, 2009; CLANDININ, 2006), com base na metodologia de história oral temática (MEIHY, 2005). Para a produção dos dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, contando com narrativas de quatro ex-alunos do professor Eugênio Schneider.

As entrevistas foram pautadas em conceitos sensibilizadores (CHARMAZ, 2009), baseados em Nóvoa (1992;1995), referentes aos processos identitários do professor, os três A's -adesão, ação e autoconsciência². Sendo assim, o roteiro de entrevista teve o objetivo de conectar a produção de dados ao referencial teórico, bem como abarcar de maneira ampla os processos identitários do professor (NÓVOA, 1992;1995), que não foram o foco da pesquisa, mas que influenciaram a construção do legado pedagógico e musical de Schneider.

² Nóvoa (1992; 1995) considera que o processo de identidade dos professores é sustentado por três aspectos, chamados de três As (AAA). A adesão refere-se a tudo que o professor adota como princípios, valores e ideais sobre a docência e o seu exercício. O A de ação corresponde à atuação do professor, bem como suas atitudes frente à docência. O A de autoconsciência resulta de uma reflexão sobre a própria ação de ser professor.

Após a transcrição das entrevistas, iniciei a primeira parte analítica da teoria fundamentada, as codificações, que foram divididas em duas fases: a codificação inicial e a codificação focalizada. Uma vez finalizadas as codificações, surgiram cinco categorias, nas quais três partiram do referencial teórico de Nóvoa (1992;1995) -adesão, ação e autoconsciência- e duas categorias dos dados -contextualização e legado-.

As reflexões que emergiram dos dados

Adesão

A maneira como o docente constrói a sua imagem profissional participa na definição de suas práticas e ações enquanto professor, nas relações com os alunos e nos ideais pedagógicos e de ensino. Considerando que as dimensões profissionais e pessoais se fundem na docência, os dados emergentes da adesão abordam como a pessoa do professor Eugênio constituiu ao longo do tempo as identidades profissionais. O professor foi narrado como tendo uma personalidade ímpar, que chamava bastante atenção dos alunos.

E fora a personalidade dele. Ele era ao meu ver genial e genioso. Tinha os rompantes dele e isso sempre me fascinou. Ele era um artista, como a gente vê cada vez menos em música aqui na cidade. (Alex)

O professor Schneider tinha várias facetas. Às vezes ele ficava bravo, mas era sempre alegre. Comigo, ele sempre foi. A gente sempre se deu bem. Mas ele era uma pessoa assim, bem alegre e as vezes ficava irritado. Mas não com coisas da própria aula, coisas assim, do gênio alemão. Mas ele era uma pessoa muito legal. (Eduardo)

A personalidade dualística demonstrada nas narrativas dos alunos “genial e genioso”, “O professor Schneider tinha várias facetas”, demonstram como a personalidade está diretamente presente na profissão docente e nas relações tecidas com os alunos.

Eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem que fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. (NÓVOA, 1995, p. 39)

Como percebemos nas narrativas anteriores, a personalidade do professor está muito próxima da maneira com que ensina e de como se relaciona. As relações interpessoais entre professores e alunos acaba por se constituírem em laços bastante fortes.

Então é assim, a nossa relação era muito divertida. Sempre foi uma amizade, uma amizade muito grande. A gente tinha aquele carinho de se abraçar sabe. A gente tinha um carinho, nos víamos e nos abraçávamos. Ele pegava a minha mão e dizia “de novo”. E ele erguia a minha mão pra cima. Nós tínhamos muita empatia. Do professor não tinha quem não gostasse. (Beto)

Tomando como referência a mistura dos papéis que o professor assume nas relações com os alunos, e que muitas vezes criou laços pessoais de amizade e carinho, a aula de música passa a ser mais do que cumprir um papel de ensino, configurando a formação de pessoas que aprendem e ensinam, que se relacionam, que possuem afeto umas com as outras, e que, por isso, intensificam o processo de crescimento e formação.

Ação

Cada professor é único e faz escolhas que mais se adaptem aos seus princípios e valores, influenciando a organização, utilização de materiais pedagógicos e como se relacionam com os alunos. Considerando a ação como parte da adesão, trago alguns dados em torno da prática pedagógica do professor Eugênio.

Tudo o que eu aprendi foi na noite, nada muito técnico sabe. Eu até hoje não sei ler partitura, não tenho isso. E o professor se intitulava assim, como professor de uma escola livre musical. Então eu acho que nesse espírito dele, eu fui livre musicalmente. Até gostaria hoje de aprender a tocar com a pauta, pentagrama, mas acho que eu não conseguiria mais. Ele achava que cada um poderia ser o que quisesse musicalmente. Acho que a ideia do professor era isso, que era o próprio nome da escola dele, que a música deveria ser livre no seu curso, simples né, sem se amarrar muito. E eu precisava de liberdade, tanto na vida, quanto na música também. (Beto)

Na narrativa de Beto, inferimos que, a partir dos anseios dos alunos e da liberdade de escolher o que se quer ser musicalmente, o professor moldava o seu ensino a fim de possibilitar ao aluno aprender de maneira prática a partir de suas experiências musicais, não havendo necessidade do aprendizado mais técnico. A escola livre musical citada na narrativa

é abordada como uma corrente de pensamento e concepções sobre o ensino de música próprio do professor Schneider.

Eu penso que a questão da liberdade criativa do aluno. Tinha momentos que ele era muito rígido, digamos com a leitura musical. Obedecer o ritmo, o compasso, fazer o acorde corretamente. E ao mesmo tempo ele abria a improvisação, pro floreio, a criatividade, para ti experimentar um acorde com dissonância. Acho que isso marcava bastante a metodologia dele. (Alex)

Quando o colaborador relata “tinha momentos que ele era muito rígido” e “ao mesmo tempo ele abria a improvisação, pro floreio, a criatividade” há duas posturas ímpares que se conversavam dentro da proposta de ensino de Eugênio. Essa rigidez com os conteúdos musicais e a abertura à criação demonstra uma postura dialógica entre o que deve ser estabelecido e o que deve ser modificado musicalmente, de acordo com a necessidade de cada aprendiz.

Uma marca da metodologia do professor que se aproxima da tendência educacional de aproximação da aprendizagem com o contexto de cada aluno se refere a uma escolha de repertório e o respeito às preferências de cada um.

Eu gostava muito da escolha de repertório. Ele deixava bem livre, principalmente no início. Tu tinha acesso as músicas que estavam tocando no rádio, que a gurizada gostava. Ao mesmo tempo tu tinha acesso as músicas, que na tua adolescência, tu também não tinha muito conhecimento. Por exemplo, o tema de Lara, os adultos conhecem, mas uma criança de ouvido não tinha acesso. Eu me lembro que foi uma das primeiras músicas que ele me ensinou. O que me impeliu a entender um pouco a leitura musical, porque era uma música que eu não tinha de ouvido, então me fazia prestar atenção, naquele acorde, naquela pausa. (Alex)

Percebemos nas narrativas dos alunos que a “filosofia” de ensino do professor era baseada na liberdade do aluno como ser criativo e musical, o que influenciava a escolha de repertório e a maneira com que o aluno construiria o conhecimento. Tais perspectivas alicerçaram a sua pedagogia e a sua maneira de ver e agir no ensino de música.

Autoconsciência

A autoconsciência resulta da reflexão sobre a própria ação de ser professor a partir da crítica em relação ao trabalho e das práticas, permitindo um processo de decisão a mudanças e inovações pedagógicas. Essa categoria foi fundamental para a compreensão da história de profissão do professor, pois o modo com que ele acreditava em suas próprias concepções de ensino, constituía inovações e a perpetuava seus ideais.

A confiança por parte do professor em relação ao seu trabalho e na segurança inspirada ao aluno se fez importante para o aprendizado musical, conforme o relato de Eduardo.

E ele tinha uma confiança de que sabia ensinar, e de que onde chegasse era sucesso total. Do aprendizado dele, ensinou muita gente, e muito do pessoal que está cantando hoje se espelhavam nele e foram melhorando até se tornarem profissionais. E a gente ali também, se espelhava nele para aprender, na confiança que ele tinha, que ele pegava ali um instrumento e saía tocando. (Eduardo)

A confiança do professor na sua metodologia de ensino fez com que ele acreditasse que poderia ensinar qualquer aluno independentemente do nível de conhecimento.

Ele sempre defendia que, por melhor que o cara fosse, ele ainda tinha que aprender alguma coisa. Aí ele me incentivava. Eu acabava, às vezes, pegando uns caras bons de violão, então eu pensava, - “o que eu vou ensinar pra esse cara?” Mas, pelo pensamento do professor, eu tinha alguma coisa pra ensinar para ele. Nem que fosse a postura dele como músico, ou como um músico deveria agir no palco. Às vezes agente dava aula para músicos, alguns músicos bons aqui de Santa Maria. (Beto)

No que se refere à autoconsciência podemos notar que o professor era autoconfiante, possuindo segurança em seus ideais e práticas pedagógicas. Sendo assim, acreditava que poderia ensinar qualquer pessoa com desejo de aprender, tendo dificuldades ou sendo um bom músico.

Legado

Este seguimento relata a visão social que o professor Eugênio representou na época em que lecionou música e como se constituiu o seu legado de ensino. A partir disso, a narrativa de José demonstra como o professor ficou conhecido nos lugares em que lecionava.

O maestro continuou lá [em Alegrete] por alguns anos, e na verdade era tido como o melhor professor de música na cidade. (José)

Além dos alunos que se relacionaram com a música como uma atividade não profissional, alguns alunos de Eugênio seguiram a carreira musical, como dois colaboradores da pesquisa. Um deles foi José, que é trompetista e estudou por muitos anos nos Estados Unidos. José seguiu a carreira como músico de orquestra, trabalhando alguns anos na Orquestra Sinfônica da Bahia. José atribui ao professor alguns ensinamentos que foram significativos para o seguimento da carreira.

Bom, o que eu queria te dizer também, que para mim, as aulas com ele foram muito importantes para o meu desenvolvimento profissional. Quando saí de Alegrete fui para Porto Alegre, um centro muito grande de músicos qualificados, eu já cheguei lá com uma certa educação musical que me foi muito significativa, que me ajudou muito na questão de trabalhos. [...] Então, esse estudo me ajudou muito no começo da vida de músico profissional. (José)

Beto estudou e trabalhou com o professor Eugênio. É músico e atua em Santa Maria, no estado e fora dele também. Emocionado, Beto diz que aprendeu muito de música e de comunicação Eugênio.

O que eu posso dizer do professor Schneider é assim, duas coisas eu posso dizer nessa vida, eu trabalhei muito com ele e eu me diverti muito com ele, e, principalmente, eu aprendi muito com ele. Claro que a vida ensina algumas coisas pra gente, mas quase tudo que eu sei de comunicação e de música, vieram da pessoa dele. Eu não consigo falar nele, sem sentir uma emoção, uma saudade. Foram muitos anos. (Beto)

A partir das narrativas podemos compreender que o professor Eugênio exerceu um papel importante como formador em música em Santa Maria. Entretanto, para falar em um legado musical são necessárias algumas outras considerações. Lima (2015) discute o legado de um professor, a partir da consolidação de uma escola de contrabaixo no sul do Brasil, pelo

professor Milton Masciadri. No decorrer da pesquisa, o autor conclui que todos os entrevistados expressavam a construção e a consolidação de um legado em termos artísticos e pedagógicos pelo professor Masciadri, porém, os dados revelaram que o estilo de performance e técnica contrabaixística adotada pelo professor já era existente na escola italiana de contrabaixo. Assim, o pesquisador passa a questionar-se sobre as construções realmente realizadas pelo professor Masciadri para o ensino do contrabaixo, imbricadas nas narrativas desses ex-alunos. O autor finaliza considerando que o legado deixado pelo professor Masciadri está relacionado ao professor-charneira³, considerando que “a atuação de um único indivíduo pode desencadear uma série de mudanças, e um legado que pode permanecer mesmo na ausência de seu precursor”. (LIMA, 2015, p. 101).

A partir do pensamento de LIMA (2015) e dos dados da pesquisa, trago narrativa que resume as ideias do legado do professor Eugênio, e que discutirei a seguir:

Eu gostaria de ressaltar essa questão do artista empreendedor que ele foi, muito à frente do tempo dele numa cidade como Santa Maria, que se diz cidade cultura e que a gente sabe que falta tanto para ser. Uma pessoa que estava sempre se reinventando em meio ao sucessos, em meio a crises, ele não parava. Eu acho que isso me deixa muito ansioso, como aluno, como pessoa, a não desacreditar da arte hoje em dia, tão massificada de uma forma tão pobre. E uma pessoa que acreditava na juventude, uma pessoa que se sentia de uma alma jovem, e que sabia dialogar com o aluno, e isso é muito bonito, e que certamente, deixou a sua semente plantada, e a gente ainda vai ver frutificar muita coisa na música.
(Alex)

O artista empreendedor à frente do tempo: O legado de um pensamento pedagógico “à frente do tempo dele numa cidade como Santa Maria”. Isso quer dizer que o ideal pedagógico não era inédito, mas inovador para o contexto no qual se inseriu.

Uma pessoa que acreditava na juventude, uma pessoa que se sentia de uma alma jovem, e que sabia dialogar com o aluno: O legado de um professor-pessoa, a partir das ideias de Nóvoa (1995), e que também se encontra com o professor-charneira trazido por Lima (2015).

³ Termo retirado da autora JOSSO (2004,2010)

Deixou a sua semente plantada: o legado artístico e cultural a partir da grande quantidade de alunos que passaram pelos ensinamentos do professor. Dos quais muitos se tornaram professores de música – ainda dentre esses, três filhas do professor- que acabam ensinando outras tantas pessoas a partir desse legado.

É evidente que os entrevistados expressaram que o professor Schneider estabeleceu um legado pedagógico nos contextos em que atuou. Porém, Beto sente-se insatisfeito pelo fato da cidade não reconhecer-lhe o legado.

Eu digo, acho um erro Santa Maria não reconhecer o professor. Acho um erro a câmara de vereadores, até diria a câmara de deputados, porque o professor não trabalhou só aqui, ele trabalhou pelo estado. Mas aqui, a sua própria Santa Maria não dá um reconhecimento para ele. Isso me deixa no mínimo triste né, no mínimo triste. Porque quanta gente se formou em música com ele. Porque a gente não vê, tem coisas que a gente não vê. O que foi ensinado, o que foi absorvido, a gente não vê. Santa Maria hoje pode ver o que tem de músicos aqui, fantástico né. (Beto)

Percebemos nas narrativas que embora o professor tenha construído um legado de ensino de música em Santa Maria e na região, atualmente é pouco reconhecido pelo trabalho desenvolvido. Assim, resalto a importância dos estudos das histórias de vida e profissão dos professores, pois registrar uma história em particular, além da história de um lugar.

Considerações finais

O objetivo traçado na pesquisa foi o de compreender as perspectivas pedagógicas no ensino de música do professor Schneider para a construção de um legado em Santa Maria. No entanto, no processo de pesquisar, inferi que o trabalho e que esse próprio objetivo vão além do previsto ou do esperado. Ou seja, as perspectivas pedagógicas de um professor na construção de um legado transbordam visões mais abrangentes, como o contexto de ensino de música de uma época e lugar, ao panorama cultural, às relações tecidas entre professores e alunos, e, mais especificamente, à pessoa do professor envolvido no processo de ensino e aprendizagem, onde tudo isso corrobora na construção de um legado de ensino.

Isso quer dizer que compreender de que forma o professor Schneider foi referência no ensino de música envolveu uma tarefa de regresso para aquele contexto, a fim de que se

pudesse entender práticas que hoje são mais comuns na educação musical e no ensino de música, mas que na época, por um lado, causavam estranheza; por outro lado, também significavam uma quebra na maneira com que se viria a ensinar música em Santa Maria. Frente a isso, é impossível não me colocar como professora nessa mesma cidade atualmente, sem refletir sobre como é visto e praticado o ensino de música. Vejo muitos reflexos da pedagogia do professor em minhas práticas, pois, além de filha, fui sua aluna.

A partir dos estudos de Nóvoa (1992; 1995) acerca dos processos identitários do professor, concebi um fio condutor para a pesquisa a partir das três categorias propostas pelo autor, os três A's. Para a compreensão de um olhar a partir da adesão, ação e autoconsciência, é preciso que se compreenda em uma totalidade os fatores que convergiram para o fenômeno educativo pertinente ao ensino de música na época e que corroboraram para a formação de um legado. Minha intenção é de que o(a) leitor(a) compreenda que a coexistência e a influência mútua de todos os fatores entre si, de uma história que se transforma em outras, e das categorias que transpassam todos dados da pesquisa e que, por fim, constroem um legado e as identidades do professor Eugênio pelas razões que trago a seguir.

Na adesão, percebemos com veemência a importância desse professor para o desenvolvimento do processo de aprendizagem e de uma marca que ele deixa, não só como professor, mas através de características únicas capazes de criar laços e de transcender a relação de professor e aluno para uma relação fraterna e de amizade. O que foi constatado é que, a partir do próprio processo identitário do professor Eugênio e da sua adesão a valores, crenças, e visões sobre o ensino de música, suas práticas são concebidas. Dito de outra maneira, mesmo a partir de um objetivo semelhante, os dados obtidos nesta pesquisa seriam outros se mudássemos a pessoa em questão. Nesse sentido, há um legado de um professor-pessoa, a partir das ideias de Nóvoa (1992; 1995), e que “não há dois professor iguais e de que a identidade que cada um de nós constrói como educador baseia-se num equilíbrio único entre as características pessoais e os percursos profissionais” (p. 33).

A partir da adesão, se constitui a ação. A partir de um pensamento pedagógico que era inovador no contexto da época, o professor Eugênio moldou a maneira de ensinar a partir de ações que desenvolvessem os seus ideais sobre o ensino de música. Primeiramente, o método de ensino do professor, baseado na criação, improvisação e experimentação musical.

O professor intitulava-se como parte de uma corrente de pensamento de uma “Escola Livre Musical”, do ponto de vista de “ser livre musicalmente”, ou seja, possuir uma metodologia que prezava a liberdade criativa do aluno. Ao mesmo tempo, os alunos citam o professor como rígido aos conteúdos musicais, mas que sempre ampliava o conhecimento, não se limitando apenas à reprodução.

O repertório foi outro ponto evidente nas narrativas como algo marcante. O professor enfatizava que o aluno deveria aprender músicas do seu cotidiano, “algo que está no rádio” e já se encontra no ouvido das pessoas. Apesar da liberdade e da escolha do aluno, bem como da aproximação do cotidiano no repertório utilizado em aula, o professor Eugênio procurava mostrar novas canções, sempre despertando o interesse do aluno pela novidade.

Por fim, chegamos à autoconsciência, onde o professor passa a ver e rever suas práticas. Nesse sentido, notamos uma grande confiança na pedagogia proposta. Nessa categoria, vemos a crença de que se podia ensinar qualquer aluno, dos mais iniciantes aos avançados, e, no mesmo sentido, Eugênio acredita que qualquer pessoa poderia aprender música.

A partir das lentes das categorias propostas por Nóvoa (1992;1995), percebemos a inter-relação entre a pessoa e a profissão, bem como entre as categorias de adesão, da ação e da autoconsciência, que se tornaram fundamentais para a última compreensão: O legado artístico e cultural de um pensamento que inovou em seu tempo e que perdura de forma intrínseca até os dias atuais. Em face disso, a pesquisa não foi sobre o passado, ela se faz presente no cenário musical atual em Santa Maria. Ou seja, a pedagogia proposta pelo professor Schneider não é uma história que existiu e desapareceu, mas que existe na forma dos alunos que viraram músicos, dos alunos que tocam de maneira informal, e, ainda, na docência dos ex-alunos que se tornaram professores. Em suma, há uma herança cultural, artística e pedagógica no ensino de música de Santa Maria/ do estado.

Eu, como parte do legado pedagógico de Eugênio, permiti-me uma tomada de consciência sobre os meus próprios processos identitários. Até que ponto, conhecendo melhor a história e a pedagogia do professor, eu passaria a me conhecer enquanto pessoa e profissional. As questões ainda permanecem em mim, e que bom! Hoje, pude rever e entender minhas práticas, bem como pensar em mantê-las ou modificá-las. Que uma história

possa se fazer outras, e a partir desse reflexo colaborar para um ensino de música fomentado, que promova a reflexão e a formação de novos professores.

O professor Eugênio Schneider deixou sua marca no ensino de música em Santa Maria. E para finalizar, reitero a importância das histórias de vida e profissão de professores, considerando que essas marcas na educação não poderão ser deixadas e desconsideradas, a fim de repensar práticas de ensino e aprendizagem. Com isso, *“espero que essa gota de memória no oceano do esquecimento surta algum efeito e alguém com justiça reconheça o seu nome e a sua importância na história musical de nossa cidade” (Beto Pires).*

Referências

- ABRAHÃO, M. H. M. B. A Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BUENO, B. O. O método (auto)biográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002
- CHARMAZ, K. A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed; 2009.
- CLANDININ, J. Narrative Inquiry: a methodology for studying lived experience. *Research Studies in Music Education*, Londres, v. 27, n. 1, dec. 2006
- GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1992.
- GOODSON, I, F. *Learning Curriculum, and Life Politics*. Routledge: London; New York, 2005.
- LIMA, D. B. Milton Romey Masciadri: interfaces entre narrativas (auto)biográficas e a consolidação de uma escola de contrabaixo no sul do Brasil. 2015. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 5. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2005.
- NÓVOA, A. Professores e as Histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 1992.
- _____. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és. E vice-versa. In: FAZENDA, Ivani C. A. *A Pesquisa em Educação e as transformações do conhecimento*. Campinas, SP: Papyrus, 1995, p. 29-41.
- _____; FINGER, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRN, 2014
- SCHNEIDER, J. da R. Uma vida em muitas notas: memórias em torno do professor Eugênio Schneider. 2014. 76 f. Trabalho de conclusão de curso, Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- SOUZA, E. C. (Org.). *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, 372 p

STAUFFER, S. L.; BARRETT, Margaret S. Narrative Inquiry in Music Education: toward resonant work. In: Narrative Inquiry in Music Education: troubling certainty. Amsterdam: Springer, 2009, cap. 2, p. 19-29